

CURINGA SERÁ ESCUDO DE CRISTOVAM

Ana Dubeux

Da equipe do **Correio**

Nenhum outro petista de alta patente em Brasília encarna melhor os ideais do partido do que a vice-governadora Arlete Sampaio. O nome dela confunde-se com o da militância do PT. Essa cumplicidade com as bases fez crescer a tese de que só Arlete conseguirá levantar o moral dos petistas e instigá-los para uma briga de foice com a chamada direita nas eleições deste ano. Curinga do PT, Arlete é cotada para distrital, para deputada federal, e há facções do partido que sonham em vê-la de novo como vice de Cristovam Buarque.

Mas a dama de ferro quer fazer jus ao seu apelido e enfrentar o arquinimigo do governo petista, o deputado Luiz Estevão (PMDB), na dis-

putadíssima eleição para o Senado. Na campanha, Cristovam manteria uma distância estratégica dos embates com os adversários e deixaria a cargo de Arlete os enfrentamentos. Caberia, portanto, à atual vice a difícil tarefa de responder aos ataques de Estevão. Seria uma espécie de escudo do candidato ao governo.

Os petistas se empolgam com a idéia e anunciam que será a luta do bem contra o mal, da feminista contra o machão, do trabalho contra o capital. Arlete se anima, já tem o discurso na ponta da língua, mas como toda petista orgânica prefere aguardar o sinal verde do partido. Não querer atrapalhar futuras alianças com partidos da Frente. "Sou soldada do partido. Sirvo para tudo e posso não servir para nada."

Baiana de Itajibá, 47 anos, jamais

foge da briga. Sua firmeza foi que manteve acesos no Palácio do Buriti os ideais do partido. Com Arlete no gabinete ao lado do de Cristovam Buarque os petistas se sentem mais aliviados. Arlete já viveu experiência de disputar uma campanha para o Senado. Saiu-se mal em 1986. Em 1994 queria tentar de novo, mas aceitou a indicação para vice.

Seu projeto político de vir a ser a candidata ao Palácio do Buriti acabou frustrado pela emenda da reeleição. Médica sanitarista, na universidade fez parte da organização radical Liberdade e Luta (Libelu). Expulsa da UnB em 1977, teve de concluir o curso no Ceará. Já foi trotskista, dirigente da CUT e xiita de carterinha, mas no governo abandonou o radicalismo e aprendeu a ser mais moderada, sem perder o pulso forte.